



OS MITOS MODERNOS EM HERMANN HESSE
THE MODERN MYTHS IN HERMANN HESSE

Juliano da Silva Lira¹

Recebido em: 21/06/2022

Aceito em: 20/11/2022

DOI: 10.26512/aguaviva.v8i2

Resumo: Exprime a literatura ideias eternas a partir da mitologia? Se confirmadas, podem estas auxiliarem de alguma forma os homens diante das inquietações advindas da modernidade? Este artigo tem como objetivo analisar a presença da mitologia na literatura moderna, buscando respostas às questões propostas por meio das obras de Herman Hesse, especificamente como os mitos são apreendidos e como se manifestam em seus diversos romances. Para tal, percorre-se na seção de abertura, auxiliado pelos escritos de Mielietinski, uma brevíssima jornada pela poética dos mitos antigos, cristãos e as modificações que os conduzem até o romance moderno. Na segunda seção deste estudo, enredos hessianos e seus respectivos personagens são comparados a diversas estruturas mitológicas no intuito de oferecer uma nova possibilidade de leitura às obras do autor.

Palavras-chave: Hermann Hesse; Mitos; Mielietinski.

Resumen: ¿La literatura expresa las ideas eternas a partir de la mitología? Si se confirman, ¿pueden ayudar de alguna manera a los hombres a enfrentarse a las preocupaciones derivadas de la modernidad? Este artículo pretende analizar la presencia de la mitología en la literatura moderna, buscando respuestas a las preguntas propuestas a través de las obras de Herman Hesse, concretamente cómo se aprehenden y manifiestan los mitos en sus diversas novelas. Com este fin, la sección inicial, ayudada por los escritos de Mielietinski, hace un breve recorrido por la poética de los mitos antiguos y cristianos y las modificaciones que conducen a la novela moderna. En la segunda sección de este estudio, las tramas hessianas y sus respectivos personajes se comparan con diversas estructuras mitológicas para ofrecer una nueva posibilidad de lectura de las obras del autor.

Palabras clave: Hermann Hesse; Mitos; Mielietinski.

¹ Mestre em Teoria da Literatura pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPE/Universidade Federal de Pernambuco. E-mail: ju.silva.lira@hotmail.com



POÉTICA DA MITOLOGIZAÇÃO

Oportunos são os escritos de Herder, nos quais a mitologia opera como uma fonte mágica (*zauberquelle*) para a humanidade. A partir dela, o homem sempre poderá encontrar uma forma saudável de sobrevivência diante das questões existenciais que o atormentam, mesmo que sejam estas, a princípio, inexplicáveis (DUCH, 2012). Assim, notamos, nos mitos, a sua intemporalidade e passamos a concluir que eles, ainda que ignotos, sobrevivem diante de nós.

Se já não residem na modernidade os mitos com o vigor dos tempos homéricos, pois suplantado fora o “lócus transcendental”, no qual confluíam o homem e a natureza, eles degeneraram-se e reabilitam-se na medida em que a realidade se transfigura (LUKÁCS, 2009). Nesse sentido, Eliade recorda-nos “que a prosa narrativa, especialmente o romance, tomou, nas sociedades modernas, o lugar ocupado pela recitação dos mitos e dos contos nas sociedades tradicionais e populares” (ELIADE, 2016, p. 163). Logo, apreendido por esta literatura de cindidos homens, caracterizada por um abismo profundo entre a vida e sua essência, o mito procurou dinamizar-se sem perder suas características fundantes.

Em *A poética do mito*, Mielietinski observa o quanto as obras de Shakespeare, Cervantes e Molière romperam, nos séculos XVI-XVII, com os temas tradicionais de forma e enredo (MIELIETINSKI, 1987). Assim, elas deram início a um desvencilhar de toda a tradição mitológica antiga e cristã, o que favoreceu um princípio de desmitologização da literatura. Desta ruptura, surgiram, entre os séculos XVIII, XIX e parte do XX, duas novas formas relacionais entre mitologia e literatura. A primeira consiste na [...] renúncia consciente ao tema tradicional e ao “tópico” em função de uma transição definitiva do “simbolismo” medieval [...] para a representação da realidade em formas vitais adequadas. (MIELIETINSKI, 1987, p. 333)

A segunda, por sua vez, revela-se pela tentativa de empregar conscientemente o mito por sua essência, destituído de sua forma e tradição.

Por essa nova mitologia, cujas formas podem ser percebidas no realismo e nas correntes românticas dos séculos XIX e início do XX – embora entre os realistas a relação com a mitologia não seja próspera como entre os românticos alemães –, Mielietinski percebe a alternância “entre o fantástico (efeito do esteticismo de princípio na interpretação do mito) e o misticismo” (MIELIETINSKI, 1987, p. 338). Nesse sentido, ao analisar a obra de Hoffmann, o crítico identifica recursos como: o livre emprego e desfigurações da mitologia, a utilização da ironia e a junção de elementos provenientes de diferentes mitologias. Assim, Mielietinski



credita a Hoffmann e a toda essa nova mitologia dos românticos uma fundamental influência no mitologismo do romance no século XX.

Superando a perspectiva histórico-social do romance no século XIX, o mitologismo literário do século XX torna-se um “instrumento da estruturação da narrativa” (MIELIETINSKI, 1987, p. 351). Desse modo, ele encontra no romance moderno terreno fértil, pois tendo a lírica e o drama vertidos os mitos em maior escala no século anterior, restaria ao romance abarcar esse novo viés mitológico.

Mielietinski, a respeito da literatura mitologizante do século XX, ressalta inicialmente a junção entre psicologia e mitologia. Nesse aspecto, a abordagem adleriana ao sujeito moderno, individual e, ao mesmo tempo, universalmente humana, concede espaço a uma abordagem interpretativa simbólica-mitológica. Assim, com a interiorização da ação principal, surgem, nas obras técnicas, o monólogo interior e o fluxo de consciência. Este último, lembra-nos o autor, é associado ao mitologismo com certa objeção, pois a conexão entre o indivíduo insociável do século XX e o indivíduo social das sociedades arcaicas, mediante o auxílio da psicanálise, “com a sua interpretação universalizadora e metafórica do jogo inconsciente da imaginação”, suaviza-se pela utilização dos recursos irônicos e autoirônicos como meios de expressão (MIELIETINSKI, 1987, p. 353).

Em uma análise das obras de Joyce e Mann, aos quais Mielietinski credita um pioneirismo na poética da mitologização, ainda observamos outros acréscimos teóricos. Dentre eles, temos o “retorno espontâneo às concepções cíclicas das mitologias mais antigas” (MIELIETINSKI, 1987, p. 378) e, posteriormente, sobre a abordagem mitológica kafkiana, uma utilização consciente de mitos antigos. Assim, se Eliade anuncia que é “possível dissecar a estrutura ‘mítica’ de certos romances modernos, demonstrar a sobrevivência literária dos grandes temas e dos personagens mitológicos”, talvez o estudo de Mielietinski represente uma das mais proveitosas comprovações disso (ELIADE, 2016, p. 163).

QUANDO OS MITOS ACORDAM

Sobrepostas algumas das classificações teóricas a respeito dos mitos na literatura moderna, propomos a observação de como tais características se desenvolvem na prosa de Hermann Hesse. Afinal, a sensibilidade desse autor em deslocar a mitologia para abordar as experiências humanas, mediante a utilização de arquétipos – tendo notável influência do seu amigo Jung nesse processo –, busca abarcar conflitos latentes do homem moderno de uma forma singular. Hesse parece trabalhar entre os espaços remanescentes, incertos, deixados pelas



modificações dos mitos ao longo dos tempos: “Essas histórias da remota antiguidade são sempre em essência verdadeiras, mas nem sempre foram recolhidas e explicadas com toda a garantia de exatidão” (HESSE, 2009, p. 45).

Em seu primeiro romance, *Peter Camenzind* (1903), Hesse alude ao *Evangelho segundo João* como uma forma de prólogo para a utilização mitológica que estruturaria grande parte de suas obras (MARIA, 2007). O princípio não cabe mais ao verbo, escreve o autor: “No princípio era o mito” (HESSE, 1972, p. 7). Este símbolo prototípico da criação parece representar o estreitar de laços entre mito e experiências humanas. Estas, presentes nas obras de Hesse pelos mitos de busca externa, interna e de criações: o despertar da consciência, a iluminação, a jornada por sentido, visíveis não só em *Camenzind*, como em *Demian* (1917), *Sidarta* (1922), *O Lobo da Estepe* (1927) e nas demais narrativas do autor.

Em *Sidarta*, ao recorrer ao mito budista, o autor altera a origem do herói de terceiro estágio (Buda), conforme as classificações de Henderson (HENDERSON, 2008, p. 100-153). O pai de Sidarta não é mais um rei que o proíbe de acessar o mundo externo, como consta no mito de origem: cria-se a figura de um brâmane. Assim, ele pertence à estratificação social indiana, educando seu filho – não mais um príncipe, ainda que inserido em condições de privilégio – desde a mais tenra idade com todos os conhecimentos religiosos clássicos.

A alteração na figura do pai, dando-lhe características “terrenas” parece contribuir para a aproximação entre mitologia e os demais aprendizados contemplados pela experiência na odisséia do jovem Sidarta. Afinal, a partir dessa educação paternal recebida, Sidarta poderá refletir e, posteriormente, desacreditar de todas as doutrinas. Desse modo, a iluminação, presente no mito de criação tibetano, revela-se, em Hesse, pela experiência viva, um processo de individuação. É por este processo de individuação e sua natureza universal que Hesse nos mostra arquétipos do inconsciente coletivo através de suas criações. E, se os mitos estão inseridos nessa coletividade grupal, é por meio de seus protagonistas e suas experiências que percebemos os já citados mitos de busca e criação nas obras do autor.

Ao iniciar a leitura de *Demian*, o leitor depara-se com a narrativa de Emil Sinclair sobre passagens de sua infância, no capítulo intitulado “Dois mundos”. Neste ínterim, a dualidade expressa no título não demora a apresentar-se como uma visão familiar dividida entre céu e inferno, o conflito entre luzes e sombras: “Dois mundos diversos ali se confundiam; o dia e a noite pareciam provir de polos distintos” (HESSE, 2009a, p. 19). A moradia de Emil, seus pais e suas irmãs é um refúgio luminoso contra a escuridão que habita a vizinhança e todos os acontecimentos externos. Neste ponto, faz-se notar a conexão entre os mitos de criação: o bem e o mal nas primitivas histórias sobre o cosmos, as origens bíblicas nos embates entre as figuras



de Deus e o Diabo: “Quando pensava no Diabo, podia imaginá-lo a andar pelas ruas, mascarado ou com a face descoberta, no mercado ou nas tabernas, mas nunca em nossa casa” (HESSE, 2009a, p. 22).

A divisão cinde não só o ambiente, como também o homem, pois, ao narrar, o protagonista confia-nos a rachadura em que faz singrar contraditórios pensamentos na sua passagem de heteronomia – na qual o pai torna-se um exemplo de autoridade – à autonomia. A julgar pela alta influência da cultura indiana na escrita de Hesse, podemos complementar esta questão com os ditos de Campbell a respeito desta dualidade, aos olhos da mitologia asiática: “Céu e inferno estão dentro de nós. Este é o grande esforço conscientizador dos Upanixades, na Índia, nove séculos antes de Cristo. Todos os deuses, todos os céus, todos os mundos estão dentro de nós. São sonhos amplificados [...]”. (CAMPBELL; MOYERS, 1990, p. 50)

Nos protagonistas Peter Camenzind, Sidarta e Haller as mesmas características podem ser percebidas. Estes notam a coexistência entre o bem e o mal ao longo de suas travessias, auxiliados pelas personagens Boppi, Govinda e Hermínia, respectivamente. Ao representarem a perda do contato com um mundo ao qual Lukács denomina homogêneo (LUKÁCS, 2009), as dualidades desses protagonistas tornam-se tentativas de encontrar um equilíbrio e “reconstituir as unidades originais” (CAMPBELL; MOYERS, 1990, p. 65). Assim, a dualidade mitológica atualiza-se entre ascetismos e vicissitudes.

A propósito, se avançarmos no tema da dualidade em *Demian*, aos olhos da cosmogonia bíblica, é possível vê-lo transformar-se no mito de Caim e Abel. Pela interpretação do personagem Max Demian, o sinal de Caim, antes compreendido como a culpa visível de seu ato, passa a ser lido como uma forma de demonstração de vigor, a distinção do mais forte. Para Demian, o que há é a temeridade por parte de irmãos ou amigos diante da linhagem de Caim.

Em tal subversão, uma alusão direta ao cainismo, notamos, nos próprios Demian e Emil, exemplares imediatos dessa interpretação. Nesse sentido, o primeiro é descrito por Emil aos moldes de Caim: “comprovo que ele era totalmente diverso de todos nós e possuía uma marca pessoal e singularíssima que nos fascinava” (HESSE, 2009a, p. 42). Nesse sentido, Emil, por sua própria narrativa, posiciona-se, inicialmente, como um seguidor de Abel, o que, para ele, torna-se o lado justo e luminoso da vida.

Há de se notar, em certas passagens da utilização mitológica hessiana, uma ironia sutil expressa por parte de alguns personagens. Além de Caim e Abel, o mito da crucificação, em *Demian*, confirma tais propriedades. Raras são as vezes em que o irônico abarca toda a estrutura diante dos mitos. Um desses modelos, parcos, é apresentado no conto “O europeu”. Nele, Hesse parodia o mito de Noé e apresenta-nos pares de animais e homens sobreviventes ao dilúvio



bélico da Primeira Guerra. Estes, convivendo em um navio, são desafiados a demonstrar alguma habilidade eficaz para o novo mundo do pós-guerra. Assim, distintos animais e casais das mais diversas nacionalidades atingem seu objetivo, à exceção do europeu. Este, ao expor seus planos civilizatórios e bélicos como fortuna é rejeitado pela comunidade e percebe não ter um par.

Além disso, Catherine Maria lembra-nos que os rios são outro importante elemento pelo qual os mitos se transfiguram nas obras de Hesse (MARIA, 2007). São as águas um símbolo amplamente presente em mitos de criação, encontrado nas mais variadas culturas: “Na cultura hindu, o ovo cósmico, Bramanda, foi chocado na superfície das águas (prakiti). [...] Para os Taoístas, a água é o sopro vital (prana) (TIAGO, 2010, p. 6). Em Hesse, uma parte das imagens mitológicas evocadas representam os ciclos da vida – nascimento, morte e renascimento – e estes são demonstrados pela travessia dos rios.

Sidarta e *Peter Camenzind* são obras nas quais tais constatações encontram notórios exemplos. No primeiro, temos um protagonista que, ao abandonar a crença em todas as doutrinas, enxerga no ceticismo uma espécie de nascimento. Logo, em busca de um sentido diante de suas inquietações, ele realiza sua primeira travessia no rio, abdicando de sua moradia e dos cuidados de seu pai. Posteriormente, enfermo pela jornada de vicissitudes, observa as águas pela segunda vez como um fim, recanto de morte: “Almejava de todo coração desprender-se, afogar-se naquele rio, em cuja superfície se espelhava um vazio tremendo” (HESSE, 2009c, p. 104). Por fim, no terceiro contato de Sidarta com esse elemento simbólico, diante da experiência de uma iluminação, há a representação do renascimento: Nesse rio, submergia [...] o desesperado Sidarta. Mas o novo Sidarta, tomado de profundo amor a essas águas que lá corriam, resolvia não se separar delas por muito tempo. (HESSE, 2009c, p. 119)

Nesse contexto, Campbell lembra-nos que estes estágios de desenvolvimento humano, presentes em *Sidarta*, são comuns em mitos hindus e revelam-se auxiliares na união entre corpo e mente (CAMPBELL; MOYERS, 1990). Já em *Peter Camenzind*, aponta Catherine Maria, há uma conexão entre as idas e vindas do protagonista no barco com os mitos de passagem da alma para o mundo espiritual: “Quer Pedro esteja dominado pelo amor, saudade ou tristeza, ele se refugia em seu barco a remo, cruza as águas e retorna ‘desperto’ para a compreensão de suas situações” (MARIA, 2007).

Em certa medida, a literatura de Hesse muito compartilha do traço que Mielietinski (1987) observa como sendo o mais significativo da poética modernista da mitologização: seus paralelos mitológicos não partem das especificidades dos mitos, mas ainda conservam um caráter convencional e aproximativo. Partem, pois, de uma configuração mitológica geral, na



qual se constata a repetição universal de diversos papéis e situações que Mielietinski classifica como “um mitologismo de segunda, terceira etc. ordens” (MIELIETINSKI, 1987, p. 376). Nele, podemos observar a frequente troca de personagens por moldes das mais diversas mitologias, fontes históricas e literárias, que surgem não apenas em Hesse, mas também em Joyce, pela crítica das concepções cíclicas. Na obra hessiana, em particular, nota-se os repetitivos rituais burgueses e religiosos e a compulsão à repetição agregada a uma naturalização fatalista do destino.

A poética da mitologização em Hesse, embora não carregue elementos abundantes, como a recorrência do fluxo de consciência, presente em Faulkner ou Juan Rulfo, também se diferencia por seu esoterismo e vasto conhecimento mitológico. Este uso mostra-nos uma gama de implicações metafísicas atreladas aos recônditos da alma humana. Entretanto, é diante da psicologia analítica que todos esses elementos parecem se encaixar e estruturar as narrativas. Observemos tal singularidade nos exemplos apresentados a seguir.

Segundo Jung, o elemento feminino presente na psique masculina é classificado como “anima”, sendo por meio dele que o homem agrupa diversas similaridades em suas experiências com as mulheres ao longo de sua vida (JUNG, 2008). Jung divide a anima em quatro estágios ou níveis de desenvolvimento: Eva, Helena, Maria e Sofia. No primeiro nível, cujo nome provém do mito de criação presente no livro de Gênesis, o homem percebe o surgimento do desejo e este se vincula à figura feminina com características de segurança e de sentimentos possessivos.

Nesse aspecto, em *Demian*, a personagem Eva, mãe de Max Demian, representa o primeiro nível diante dos elementos femininos demonstrados por Emil Sinclair. No primeiro contato com seu objeto de desejo, Sinclair relata: “O olhar era cumprimento, a saudação significativa retorno ao lar. Em silêncio estendi as mãos para ela. Ela as tomou ambas entre as suas, firmes e cálidas” (HESSE, 2009a, p. 162). Desse modo, o protagonista sente-se atraído por Eva e, ao seu lado, estabelece um sentimento semelhante à segurança da casa de sua infância. Não à toa, o capítulo em que tal elo fortifica-se tem “Eva” em seu título (HESSE, 2009a, p 153). Por essas leituras, notamos a psicologia analítica, com seus arquétipos, tornando-se uma base para o tema da dualidade – e este, como já demonstrado, concede passagem a diversos elementos mitológicos.

Nesse sentido, a partir da leitura de *O lobo da estepe*, encontramos no protagonista Haller aspectos concernentes aos arquétipos de persona e sombra. A dualidade parte da personalidade cindida entre o lobo e o homem. O primeiro busca a extinção de qualquer vínculo social, satisfazendo suas necessidades de solidão: “um ser estranho, selvagem e, ao mesmo



tempo, tímido, muito tímido mesmo [...]” (HESSE, 2009b, p. 14). O segundo, por sua vez, tenta adentrar o círculo burguês, auxiliado pela personagem Hermínia. Da personalidade apartada do protagonista, faz-se notar outra fecunda porta de entrada para a mitologia. Assim, a busca de si em Haller, no baile das máscaras, sua descida ao subsolo à procura de Hermínia, lembra-nos de Orfeu e Eurídice, mitos de morte e renascimento (MARIA, 2007).

Se as narrativas hessianas são fecundos caminhos para a mitologia, podemos elaborar semelhante asserção diante de suas poesias. Estas, chegam a complementar a prosa, a exemplo de: “Canto da morte de Abel” e “Lobo da Estepe”. Em outros casos, aprofundam as mais diversas mitologias, como demonstrado em “Jovem noviço num mosteiro zen I-II”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Decerto, há em Hesse muito dos elementos estilísticos que abarcaram a literatura moderna. Entretanto, assim como em Kafka, Joyce e Mann, são suas singularidades que enaltecem a utilização da mitologia. Se estão os mitos modernos diante de nós, em Hesse, estes nos auxiliam mediante as suas narrativas. Estas, inicialmente, ao tratar das contradições europeias, terminam por conduzir-nos a problemáticas metafísicas recorrentes de toda a modernidade. Seus personagens são tentativas de encontrar soluções para a cisão em cada um de nós, e os mitos, auxiliares nessa longa e tempestuosa jornada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAMPBELL, J.; MOYERS, B. **O poder do mito**. Organização: Betty Sue Flowers. Tradução: Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Palas Athena, 1990.

DUCH, L. La interpretación del mito en Johann Gottfried Herder (1744-1803). *In*: ALTAMIRANO, B. S. (Ed.). **Mito y romanticismo**. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 2020. p. 143-150.

ELIADE, M. **Mito e realidade**. Tradução: Pola Civelli. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2016.

HENDERSON, J. L. Os mitos antigos e o homem moderno. *In*: JUNG, C. G. **O homem e seus símbolos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008. p. 100-153.

HESSE, H. **Demian**. Tradução e prefácio: Ivo Barroso. 40. ed. Rio de Janeiro: Record, 2009a.

HESSE, H. **O lobo da estepe**. Tradução e prefácio: Ivo Barroso. 34. ed. Rio de Janeiro: Record, 2009b.



HESSE, H. **Peter Camenzind**. Tradução: Myriam Moraes Spiritus. São Paulo: Brasiliense, 1972.

HESSE, H. **Sidarta**. Tradução: Herbert Caro. Prefácio: Luiz Carlos Maciel. 52. ed. Rio de Janeiro: Record, 2009c.

JUNG, C. G. **O homem e seus símbolos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

LUKÁCS, G. **A teoria do romance**: um ensaio histórico-filosófico sobre as formas da grande épica. Tradução, posfácio e notas: José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Duas cidades; Editora 34, 2009.

MARIA, C. Mythological elements in Hesse. **Deviant art**. [S. l.], 19 jun. 2007. Disponível em: <https://www.deviantart.com/cathamaria/art/Mythological-Elements-in-Hesse-57981688>. Acesso em: 02 abr. 2021.

MIELIETINSKI, E. M. **A poética do mito**. Tradução: Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.

TIAGO, G. G. **Mitos das águas**: a cultura haliêutica e seus poderosos significantes ancestrais. São Paulo: [s. n.], 2010. v. 1. 26 p.